

**"ESTUDO COMPARATIVO DA VARIÁVEL GÊNERO  
EM RELAÇÃO ÀS DUAS VARIANTES FONOLÓGICAS E SINTÁTICAS"**

Aldenor Souza (UFPB)  
Karina Fonsaca (UFPB)

### **Introdução**

O trabalho, apresentado em pôster, pretende fazer um panorama da variante social de gênero abrangendo os fenômenos fonológicos e os fenômenos sintáticos citados abaixo. (como material-base será utilizado o corpus do VALPB):

### **Apresentação**

#### **1) Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionistas e fonológicas.**

(Iara Ferreira de Melo MARTINS. In: HORA, Dermeval. (Org) *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004).

Dependendo do foco da análise, a influência da variável SEXO pode ou não ser relevante para os resultados procurados.

Nos parece bastante forte a importância que os estudiosos dão ao fator ‘preferência feminina’ para as formas de prestígio ou seu papel como inovadoras e favorecedoras de processos de mudança. Ressaltando que caso um processo de implementação de certa mudança é estigmatizada socialmente, as mulheres assumem um papel conservador, cabendo aos homens liderar tal processo.

A discussão em torno deste ‘papel feminino’ segue várias vertentes: ora opta-se por uma discussão impulsionada pelo feminismo, ora explica-se a necessidade da mulher em se elevar dentro de uma sociedade patriarcal ou ainda a escolha do uso mais polido da linguagem – sendo pela emancipação, pelo papel que desempenha socialmente ou pelos julgamentos a que está propícia a sofrer devido a um “mau” uso da variável não-padrão.

Observe a tabela:

SEXO	Apagamento do “d”/Total	% de “d”	P. Rel.
MASCULINO	1203 / 1940	62	.54
FEMININO	1072 / 1952	55	.46

Observa-se que os resultados vêm a calhar com os estudos teóricos elaborados neste sentido: na comunidade de João Pessoa, os homens tendem a apagar o /d/ no grupo “ndo” em contraposição às mulheres. Eles utilizam a forma estigmatizada com maior incidência, exemplificando: “Você tá **fumano** muito”.

Segundo os dados, elas então preferem com frequência, utilizar a forma padrão.

#### **2) Restrições sociais que norteiam a produção variável do fonema /V/ em João Pessoa.**

(Sandra Maria Oliveira MARQUES. In: HORA, Dermeval. (Org) *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004).

A autora baseada em estudos já realizados (FISCHER, 1958), afirma que as mulheres possuem uma tendência a utilizar as formas prestigiadas socialmente ou padrão; enquanto os homens empregam mais as formas menos valorizadas socialmente ou não-padrão.

No caso da variante de gênero da fala pessoense, essa situação social é bastante relevante para este estudo lingüístico. Neste trabalho, as mulheres, estatisticamente, são mais favorecedoras ao enfraquecimento do /v/, já os homens são inibidores do /v/.

Observe os resultados:

SEXO	Enfr. / Total	%	P. Rel.
MASCULINO	456 / 1120	41	.45
FEMININO	620 / 1317	47	.54

Segundo a autora, o comportamento feminino inovador em certos momentos não se manifesta, mas quando encontra uma situação favorável, ele tende a se desenvolver. Como confirmação do que foi dito antes, a variável padrão dificilmente é mais favorecida pelos homens.

É importante frisar que, os resultados do trabalho trazem à tona uma certa oscilação comportamental entre os sexos, “onde os parâmetros pré-estabelecidos para o comportamento social da mulher e do homem com relação à linguagem, principalmente numa comunidade urbana, em que valores socioculturais são vulneráveis às necessidades e condições econômicas da sociedade”. (MARQUES, 2004, p.107 -109).

### 3) Fenômeno Variável: Nós e a Gente.

(Eliene Alves FERNANDES. In: HORA, Dermeval. (Org) *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004).

Novamente vem à tona a questão das tendências padronizadas da mulher na escolha da variável, então resolvemos direcionar a discussão mais para o foco da pesquisa: o fenômeno de alternância entre “nós” e “a gente”.

Verificar-se-á se esse processo alternativo corresponde a uma variação estável ou a uma mudança em progresso.

Vamos aos resultados:

SEXO	% de “a gente”	P.Rel.
MASCULINO	76	.44
FEMININO	81	.56

Devido a um resultado que probabilisticamente não revela grandes diferenças, se pensou ser “premature definir a alternância entre “nós” e “a gente” em João Pessoa como um fenômeno de variação estável ou de mudança em progresso”(FERNANDES, 2004, p.155).

Um dado bastante interessante diz respeito a sutilidade da aplicação do “nós” e “a gente” em todas as faixas etárias. Nos grupos mais jovens, há uma diminuição das diferenças lingüísticas. Explica-se esta aproximação entre os sexos, talvez pelo fato de que as atividades antes ditas ‘masculinas’ ou ‘femininas’ já não encontram tantas barreiras, porque ambos os sexos as praticam independente de sua ‘função’ mais feminina ou masculina; então se as barreiras sociais diminuam aqui ou ali, podemos concluir que isto também influencia o uso da língua em ambos os sexos.

### 4) Variação TER/HAVER na fala pessoense.

(Rosângela Neres Araújo da SILVA. In: HORA, Dermeval. (Org) *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004).

Como já vimos nos outros estudos citados, a variável SEXO é um importante fator na elaboração da língua e também no que concerne ao seu uso.

Neste trabalho, se considerou o sexo como a quarta variável que mais influía na aplicação de *ter existencial*. Esses resultados, de forma bastante interessante, contrariam aquela idéia de que as mulheres são mais favorecedoras da língua padrão. Aqui, elas utilizam mais a forma não-padrão, como mostra a tabela:

SEXO	Aplic. / Total	%	P. Rel.
FEMININO	480 / 517	93	.57
MASCULINO	476 / 540	88	.43

Os homens, por sua vez, aplicam mais a variante padrão de *haver existencial*, hipoteticamente influenciados pelos anos de escolarização ou faixa etária. É passível de observação, que as mulheres assimilam as normas padrão à medida que os anos de escolarização aumentam e de forma gradativa.

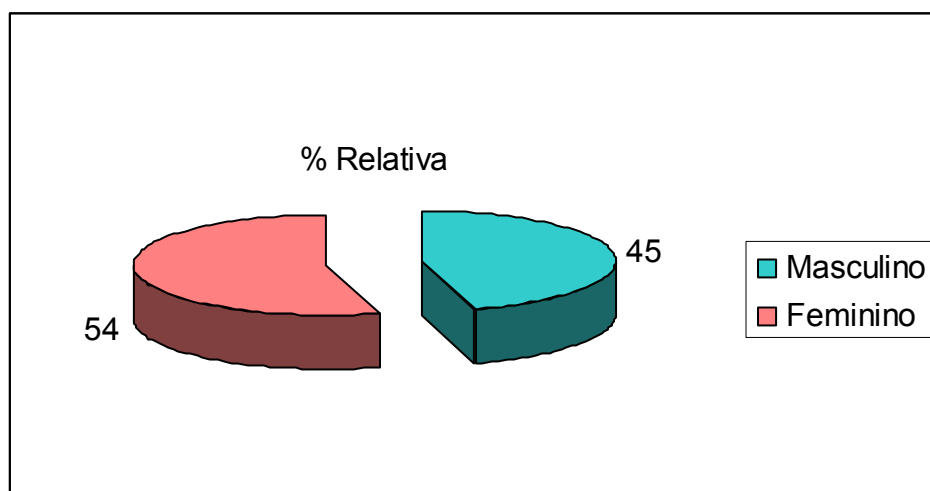
Ainda ressaltando o fator SEXO e faixa etária, observa-se que quanto menos escolarizados são esses indivíduos, com mais frequência encontraremos o uso do *ter existencial* na comunidade. Concluindo que *ter* e *haver* até o momento de elaboração do estudo, encontravam-se em um processo de variação estável.

### Plataforma para a apresentação

O formato de apresentação em pôster possuirá: quatro gráficos comparativos de gênero, acompanhados de uma legenda explicativa:

#### 1) Restrições sociais que norteiam a produção variável do fonema /V/ em João Pessoa.

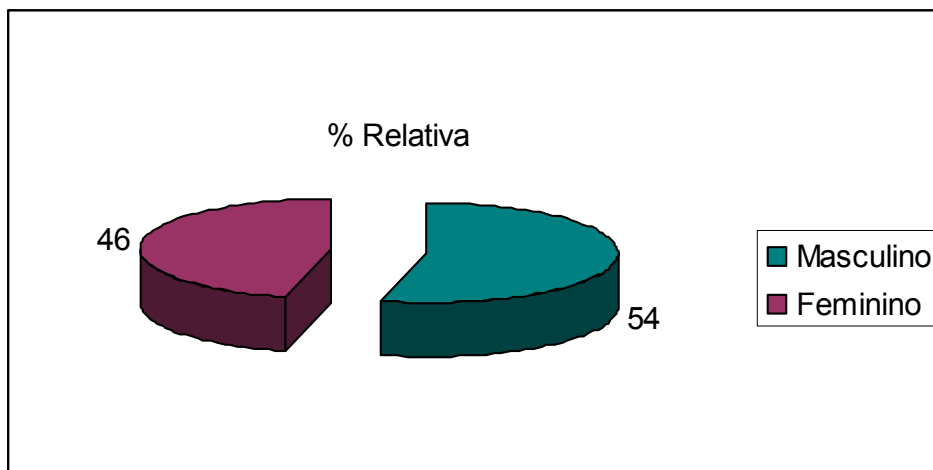
SEXO	Enfr. / Total	%	P. Rel.
MASCULINO	456 / 1120	41	.45
FEMININO	620 / 1317	47	.54



Influência da variável SEXO na produção variável do fonema /V/ em João Pessoa

## 2) Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionistas e fonológicas.

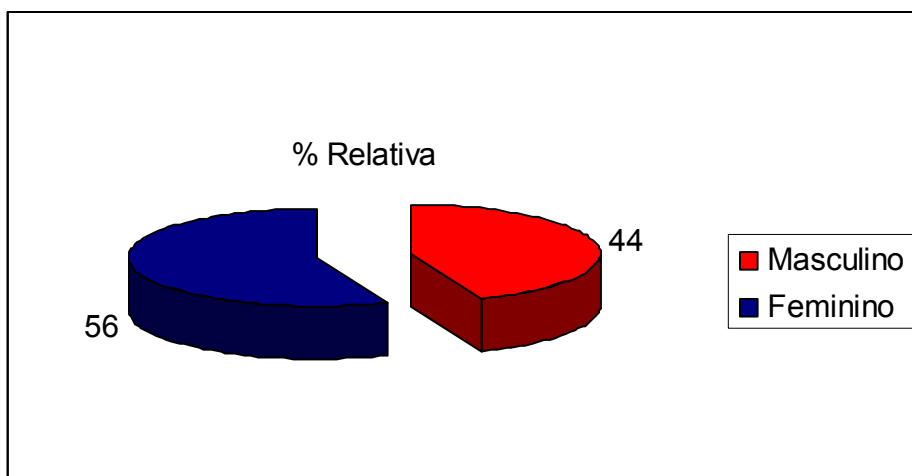
SEXO	Apagamento “d”/Total	% de “d”	P. Rel.
MASCULINO	1203 / 1940	62	.54
FEMININO	1072 / 1952	55	.46



Influência da variável SEXO no apagamento do /d/ em “ndo”.

## 3) Fenômeno variável: Nós e a Gente.

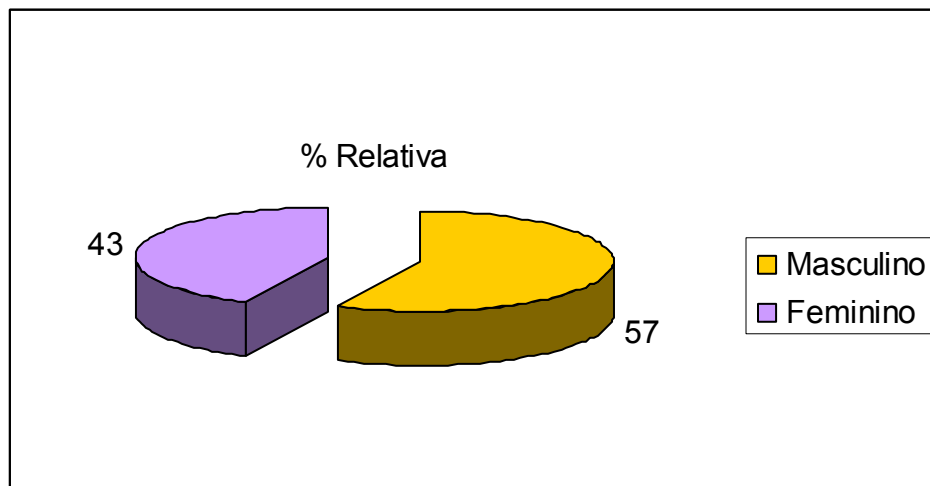
SEXO	% de “a gente”	P.Rel.
MASCULINO	76	.44
FEMININO	81	.56



Influência da variável SEXO no fenômeno variável: Nós e a Gente.

**4) Variação Ter/ Haver na fala pessoense.**

SEXO	Aplic. / Total	%	P. Rel.
FEMININO	480 / 517	93	.57
MASCULINO	476 / 540	88	.43



Influência da variável SEXO na variação Ter/ Haver na fala pessoense.

**REFERÊNCIA**

HORA, Dermeval da (org), (2004). *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti.